

MENDES DE BRITO

Lyra de Cybèle

MELOPEIA EXTRANHA



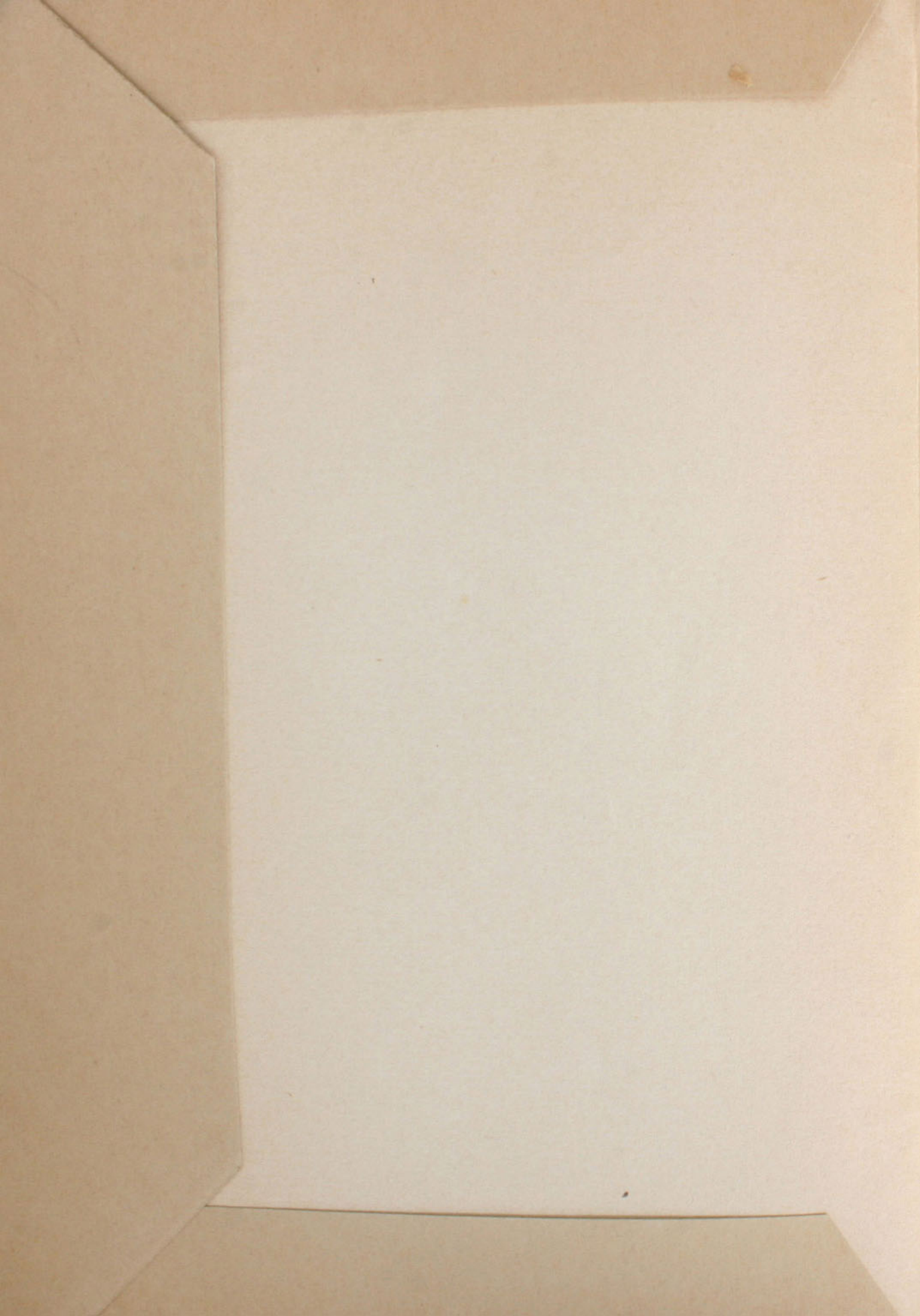
1916

LIVRARIA FERREIRA

FERREIRA L.^{da}, EDITORES

132-134, Rua Aurea, 136-138

LISBOA



Agosto

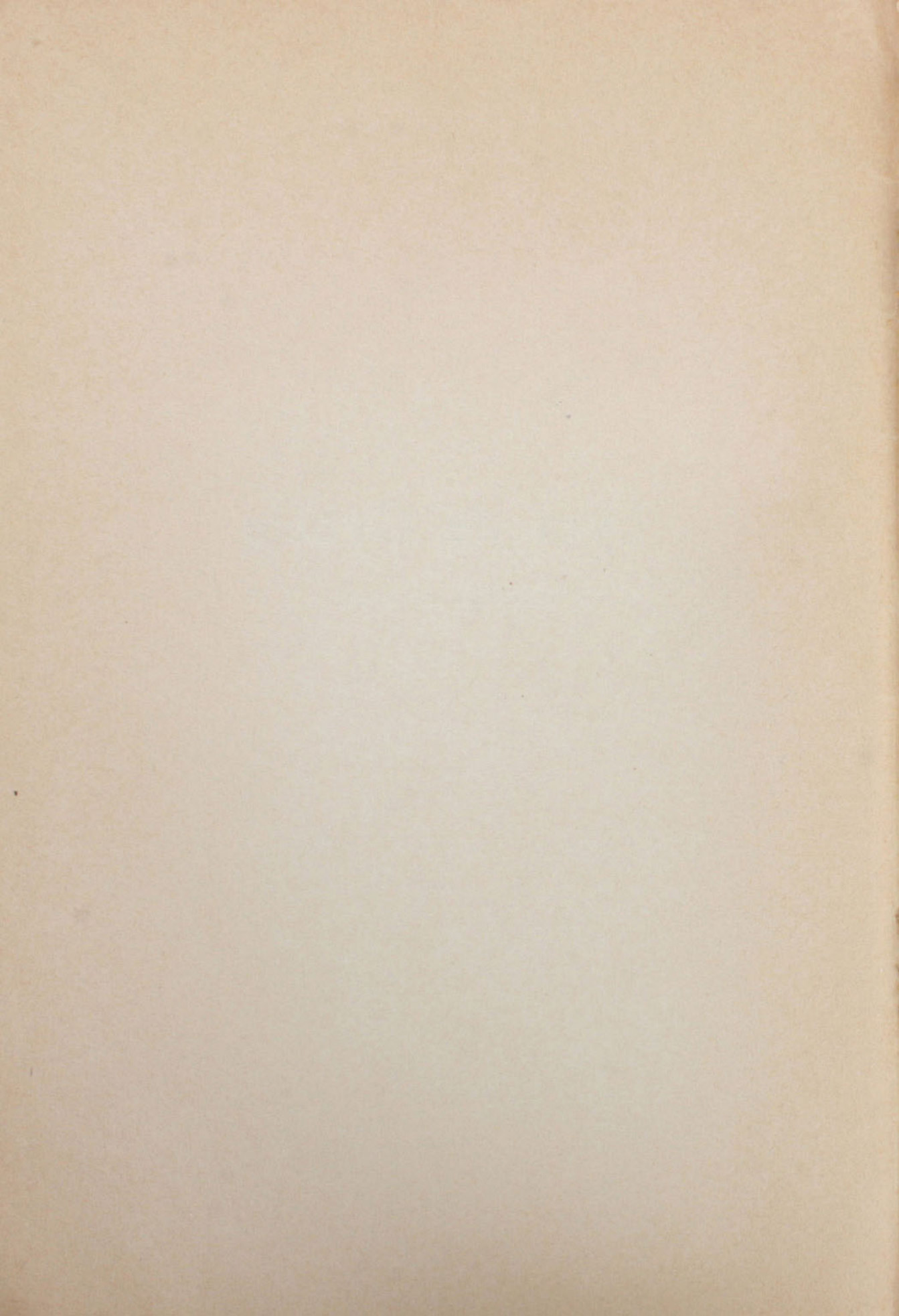
Ao sr Fernando Pessoa
escritor sensacionista e
men Amys.

N.º 19 de dez. 1916

F. Pessoa

Lyra de Cybèle

MELOPEIA EXTRANHA



MENDES DE BRITO

Lyra de Cybèle

MELOPEIA EXTRANHA



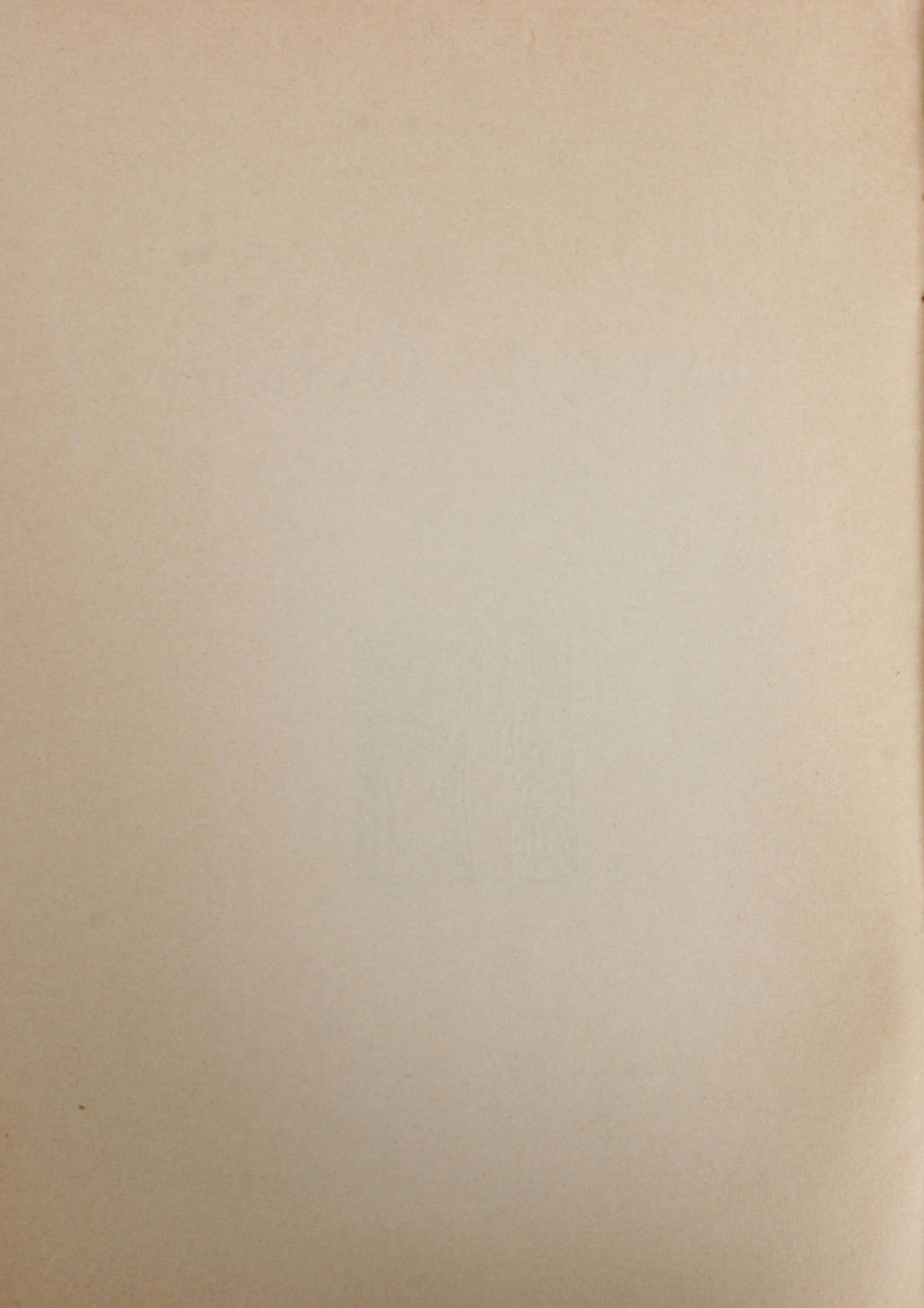
1916

LIVRARIA FERREIRA

FERREIRA L.^{da}, EDITORES

132-134, Rua Aurea, 136-138

LISBOA



Ao
Americo Durão

The artist is the creator of beautiful things.
No artist desires to prove anything.
All art is at once surface and symbol.
Those who go beneath the surface do so at their peril.
Those who read the symbol do so at their peril.
It is the spectator and not life that art really mirrors.
Diversity of opinion about a work of art, shows that
the work is new, complex and vital.
When critics disagree, the artist is in accord with
himself.
We can forgive a man for making a useful thing as
long as he does not admire it. The only excuse for ma-
king an useless thing is that one admires it intensely.
All art is quite useless.

OSCAR WILDE.

I

Pallida lyra de clangôres, ó viração serenissima no ar! Trazes nos teus braços longos de som, a magnolia branca da felicidade. Vê lá tu não te apoquentes, pallida lyra de clangôres! Se vires alguém ajoêlhar-lhe a alma, não te perturbes, pallida lyra, porque sou eu, para te ouvir.

II

Deixem gosar os penhascos das cordilheiras, o ideal inerte do extasi, hibernia flaccida do tédio. Dormes tu rochêdo bruto, teu somno eterno de cohesão? Fica-te! Não accordes nunca! Pobre de ti! Não mais compulsarás, a magnifica soturnidade das negruras nocturnas! Podes dormir, Materia-Muda que tudo escutas. Porem, não deixem nunca adormecer os rios.

III

O grande sol é um mendigo, a arder em febre, perto do ceu, sem querer entrar! A luz, alma do sol, morreu.

IV

Vae começar a symphonia tonta dos brêjos. Coaxae, sylphides de genio!

V

Ó seiva! Ó fecundidade! Com uma cõlcha de folhagem, cobre teus uberes tumidos e vem ouvir! Reparas-te? Andam accordes dôces nos rumôres da rama dos pinheirais.

VI

Morre pr'ahi, collina! Não queres ouvir cantar os rios? Plangor mortiço! Não te percebem! Ninguem te escuta!

VII

A treva gemea da luz, sorriu. Tambem a noite de mantilha prêta (viuva do sol) vae ouvir de perto, de vêz em quando, á hora-poente — a canção pianissima dos regatos!

VIII

Que suave murmurio! Escuta! Anda na ramaria morbida das arvores, um mysterio de som voluptuoso. Floresta! Todos os teus ramos môços de seiva, são braços de bailadeiras. Cantae! Dançae, ramaria! Tens tu vergonha do sol? A meninice das brisas, baloiça, a harmonia pura das folhas, num rithmo de melodias. Cantem mais alto! Dancem! Tens tu vergonha do sol?

IX

Calem-se! Escutem! Oçam a vóz do regato que vem andando, em serenata, por entre sylvas emmaranhadas — barbas de satrapa, voluptuoso!

X

A relva diz ao regato: canta! vá! — Ri-se o regato. Diz: vês! não posso cantar mais alto!

XI

Ó fluido! Ó Naturêsa! Já tenho ouvido, á meia-noite, o teu pingar de seivas, dolente.

Orchestra macabra, a noite!

XII

Modulações de placida harmonia andam agora no ar. Fonte! Continua o teu marulho! Benção de padre a resar!

XIII

Digo-te ó meu amor, vem ouvir! Estão a tocar lá na varzea, as harpas dos vegetaes! Trilam hymnos na Naturêsa! Ó meu amor, vêm ouvir! Deita tu no meu collo, a tua cabeça d'oiro! Escuta! Não quero gosar sosinho, não! Ouves? Que canções! É o tanger de folhas outomnaes. Bailam scherzos de rithmia doida, as cimeiras dos caules, no arvorêdo.

XIV

Conhecem vocês o monge mudo, turbido asceta que sofre a noite e lhe comprehende a magnífica soturnidade? Sabem vocês quem é o genio d'expressão satânica, intellectual que dorme de bôrco na fimbria rugosa do vallado e sabe de côr a rapsodia sinistra dos abysmos? E canta em còro tercêtos lubricos com Satanaz? E tem a côr dos instinctos de lady Macbeth? E dorme no regaço loiro de Cleopatra? E tingiu os seios de Semiramis? E que pensa? E chora? E ri? E tem a alma de Jansenio?

— E' o lyrio-nêgro! E' o lyrio-nêgro!

XV

Ó brandura! Ó suavidade! Repara tu, ó meu Amor! Não ouves baloiçar na campina, a melodia pura das searas e o roçagar dos milharaes?

XVI

Ninguem escuta a vossa dôr! Que sofrimento, na laldainha de cada dia que resam vocês, as oliveiras, velhas beatas pergaminhosas.

XVII

Bebedeira de bruxa, a ventania! Fazes disturbios doida de todo, na rama dos chôupos tuberculosos e dos platanos ancestraes.

XVIII

Cresce, dolencia muda, revigora o teu murmúrio
d'orgão humilimo de cathedral. Sobe se queres subir!
Vôa se queres voar! Deixem voar ao firmamento o som
que foge espavorido, pomba de leque côr de neve!

XIX

Caverna lóbrega! O teu bramir é a movimentação
epileptica do Mar! Bebado histrião! Tu tambem sofres!
Retorce as ondas! Uiva! Grita! Ha tanta raiva na tua
espuma! Revolve a cabelleira de limugens, doido! Rôuco
de bérros, só ruges! só gorgitas! Horror! Na guilhotina
dos rochêdos as ondas vão decepar-se.

No verão, cançado, acalmas-te! O teu odio não é ir-
mão do meu! Abranda. Resigna-te. Espera! Tu tambem
morres, dragão!

XX

Lá oiço eu a subirem, no aroma do rosmaninho, can-
tigas de folk-lore!

XXI

Não façam barulho! Escutem! Estava agora a ouvir,
a vosita pura das rosas que são virgens envergonhadas.

XXII

Bebedeira de bruxa, a ventania! Por lá anda a ca-
briolar no pincaro das cordilheiras! Lôuca! Doida! Bru-
ta! Fazes zunir os ramos das giestas e arrepear o mus-
go das ruinas!

XXIII

O' suprema harmonia ! O' Naturêsa ! Tu nem ao menos desleixas ou suprimes ou te esqueces do tamborilar das cascatas ! Agua ! No teu corpo de crystal, habita um monje velho, adoentado que geme a sua dor, nas quebradas.

XXIV

O vento inveja o extasi á rocha. Morde-se de ciúmes no ar !

XXV

Trovoada ! Trovoada ! Cymbales de Deus ! Cresce, ribombar magnánimo, cresce ! E estalla ! Enraivece ! Descende a tua música sublime de rugidos ! D'ais ! De bérros ! Encurva as cordas afinadas ! Mais que sublime, tu ! Ruge ! Brame ! Entôa a tua area soluçada de grandêsa ! Carrega o sobrecênho lôbrego e ruge ! Ruge ! Grita !

— Abraça-me, ó tempestade ! Tu és Deus !

XXVI

A brisa, virgem doente, vae desmaiar. Não posso vêr sofrer a brisa, morna de febre ! Não !

XXVII

Hoje ha dança hirta nos restólhos ; a musicata dos cannaviaes, ha de tocar na dança hirta dos restólhos.

XXVIII

Diz o abysmo morro de fome! E o vento, de noite, ás janellas, tremolo, agita-se, geme, murmura: horror! horror! horror! Tenho mêdo da noite!

XXIX

Ó Hymenêu de seivas, sagrado! Na turgidêz ebúrnea dos caules, ha uns rumôres de lyrica dolente.

XXX

Cheira a inferno, a noite!

XXXI

Ha tanta fome, Cybèle! E o teu ventre é sempre pre-nhe d'alimento.

XXXII

Clangôr suavissimo da brisa! Baloço-me no rithmo divino dos teus accordes. Jesus! Anda suspensa na brisa, a magnífica serenidade do teu olhar milagroso! Jesus! O murmurio de tuas préces, passou á rama dos geranios — religiosos que continuam o murmurio de tuas préces. Jesus! Os gritos da tua ira no Templo, dá-os agora o vento d'inverno que vae d'encontro ás portadas e varre o telheiro aos mendigos! Jesus! A magnificencia da tua benção, anda agora disolvida nas seivas fecundadoras! E a maravilha dos teus milagres está em toda a naturêsa! Jesus! Jesus! Ha um Rabbi na naturêsa!

Jesus! Da lançada do centurião sahiu a angustia de

toda a terra! Jesus! A resaca maldita do rochêdo tem o rithmo das marteladas nos prégos do teu madeiro! A aurora anda toda retinta do sangue que correu da tua chaga do peito! Jesus! Foge de quebrada a quebrada, o echo do suspiro que te voou da bocca divina, como uma pomba de sofrimento, na noite da tua morte! A noite da tua ida! Jesus! Jesus! Ha um crucificado na natureza!

XXXIII

O vento que derruba as arvores e arranca o telhado aos casebres — é uma cavalgada d'espectros raivosos. Dôrso do Mar! Na volupia da tua curva, no revolutear do teu aneio, anda um rithmo de danças libidinosas! Das tuas fauces sagradas, ha de sahir um halito d'horror. O silencio, é um coro de vozes abafadas. Tufão, monstro marinho! Que raiva é a tua, maldito! Os teus accordes violentos, até fazem tremer o Mar! Trazes na ponta da tua tromba sordida de crimes, a fúria injusta da devastação. Rajada! Murmurio! Procella, o teu silvar sinistro! Brisa!... — Mystério e música! Não vos entendo!

XXXIV

Os cordões da chuva, são as cordas da lyra, onde a invernía toca a sua area de desespêro.

XXXV

No verão, sobre o tablado das atmospheras candentes, andam bailados imponderaveis d'atomos. No verão, os

choupos idiotas, não largam o seu manto de folhagem — que inda assim, é uma túnica pesada de vidrilhos! No verão, a brisa debilissima d'anemias, ainda faz de vêz emquando, oscilar o catavento na estatura hirta das torres — onde ha rendas de musgo velho. No verão, paira um grande somno morno, na calma idiotia da ramagem muda do arvorêdo. No verão, morre o tagarellar da agua, na magrêsa dos regatos. No verão, o calor amollece as seivas e exhala brandura e esvaecimento. Tu dormes no verão, ó suarenta Cybèle entorpecida!

XXXVI

O luar tem o claro rithmo e a suprema harmonia da linha classica e divina da Mutilada de Milos. O rosto do luar é limpido d'honestidade e o corpo do luar tem a esveltia excelsa d'Antinos. E a noite negra? Na noite negra, ha um molloso hybrido com mãos subtis, que arma na treva o seu mysterio de feitiço, á luz fleugmatica das constellações.

XXXVII

Noite rugidora d'invernã! Mãe lobrega de duendes soturnos que trazes sempre embuçados no lucto criminoso das negruras nocturnaes! Sordidos! Medonhos! Rotos! Mal envolvidos nos farrapos da tunica sombria que tem a côr da Eternidade! Mãe lobrega! Hoje és calma e silenciosa — e logo apareces dura, cheia de raiva convulsa e de feitiço, vomitando terror e magia! Mãe lobrega! Tu soffres! A tua doença é a hysteria negra do Hamlet.

XXXVIII

Ha caricias de veludo na placidez das campinas.

XXXIX

Ninguém repara na lucta comovida das raizes — moiras laboriosas que passam a vida a minar a terra, á procura do atomo sagrado que vae viver na seiva que se ha de fazer rebento que se ha de tornar perfume que irá córar as dhalias hyperhemiadas e sêr pollen fecundador e ser força vitalisante, ser vida, ser vibração! Ninguém repara! Ninguém escuta, o formilhar magnífico das multidões germinadoras, no mundo tenebroso dos vegetaes.

XL

Apalpem agora a noite! É sinistra! É viscosa! Cutis de salamandra!

XLI

Quem sabe lá, se a castissima vermelhidão do poente, não será talvez, o clarão longinquo da fornalha magnífica do Inferno!? A vermelhidão do poente esvae-se, morre, destinge-se como a labareda dos Ideaes, como os rubores de virgindade, como a pureza ineffavel dos corações, como a carne bemdita das creanças, como o oiro dos cabellos d'Ophelia e o bronze magnanimo d'Othelo, e a alma diaphana de Desdemona e o tenue brilho dos labios empallidecidos do Santo Luiz de Gonzaga, e a tinta dos polargonios e o fremito suave das caricias enamoradas e todas as colorações santissimas das petalas, avelluda-

das, intensas, esmaecidas, desbotadas e a pallidez sentimental dos luares outomnaes e a magnifica soturnidade das trevas — e os beijos e a dor e o crime, o ai, o bocêjo, o globulo sanguineo, o atomo! Dançam dragões de nuvens na vermelhidão do poente!

XLII

O cheiro do inverno é trazido do ceu no seio diaphano das goticulas da chuva . . .

XLIII

Bemditos sejam vocês pagens da Morte — que são os cyprestes! — porque apontam aos atomos esparsos dos Cemiterios, os caminhos fluidos da Eternidade! Bemdita seja a terra muda e poderosa porque ella guarda no seio, sempre fecundo e quente, o milagre bemdito da transformação. Bemdito seja o vosear renitente das trovoadas porque elle accende a fé nos corações. Bemdita seja a luz porque ella gera a treva. Bemdita seja a treva porque ella contém dentro do peito sombrio, a nebulosa essencia da Eternidade!

XLIV

Ó Sancta Cybele! Tu tambem choras as tuas lagrimas de chuva e soluças e gritas na convulsão da procella! O echo dos gritos da tua melancholia gemebunda, ouve-se lá em cima, na abóbada immutavel do firmamento, quando os ares se toldam de crépes dolorosos e o sol não pode sahir do seu sepulchro de nuvens

negras — e o pobre ceu tem sempre os seus olhos húmidos, rasos d'água! Por isso ha tanta dôr no rugir do trovão! Por isso toma a aragem, o seu rictus de sofrimento!

XLV

Ó seiva redemptora! Ó exuberancia! Tu habitas admiravelmente na carne turgida dos cactos. Tu fazes prodigios de bonhomia, na ramagem fecunda das hortas, onde cresce a vergamota e nasce o aroma das cidras. Tu escorres d'exuberancia no sumo bemdito dos frutos que sanctificas e aromatisas. Tu és a alma divina da Materia. Tu cresces, tu desfalleces, tu revives. Tu nunca morres!

XLVI

O vento d'inverno gosta muito de retalhar os peitos dos mendigos, por entre os trapos rotos, com as navalhas terriveis da sua aragem gelada.

XLVII

O cheiro poeiroso das primeiras dedadas que a chuva risca nos saibros, é o preludio magnifico do hymno plangoroso das tormentas que a musica dos beiraes acompanha e engrandece. Tempestade magnifica! Ha genio eloquente e consciencia, na musica sublime dos teus rugidos!

XLVIII

Ha belleza macabra na fisionomia lóbrega da noite, porque ella conserva nas nublentas formas indefinidas, a

linha mystica das atitudes imponderáveis que tomam as almas penadas, no concilio perigoso das penumbras De noite, dormem os cardos do vallado. De noite, sahem os duendes do seio intimo das coisas, á hora sinistra em que o bronze das torres, põe suspensas no ar, as badaladas surrateiras que denunciam a meia noite! De noite, as almas dos vegetaes apeiam-se dos ramos e vêem ensaiar bailados nas clareiras.

Eu e tu e tua irmã e os homens bons e os homens maus, os que se curvam no altar de Christo e os que usam navalha, p'las tabernas—somos duendes imperfeitos!

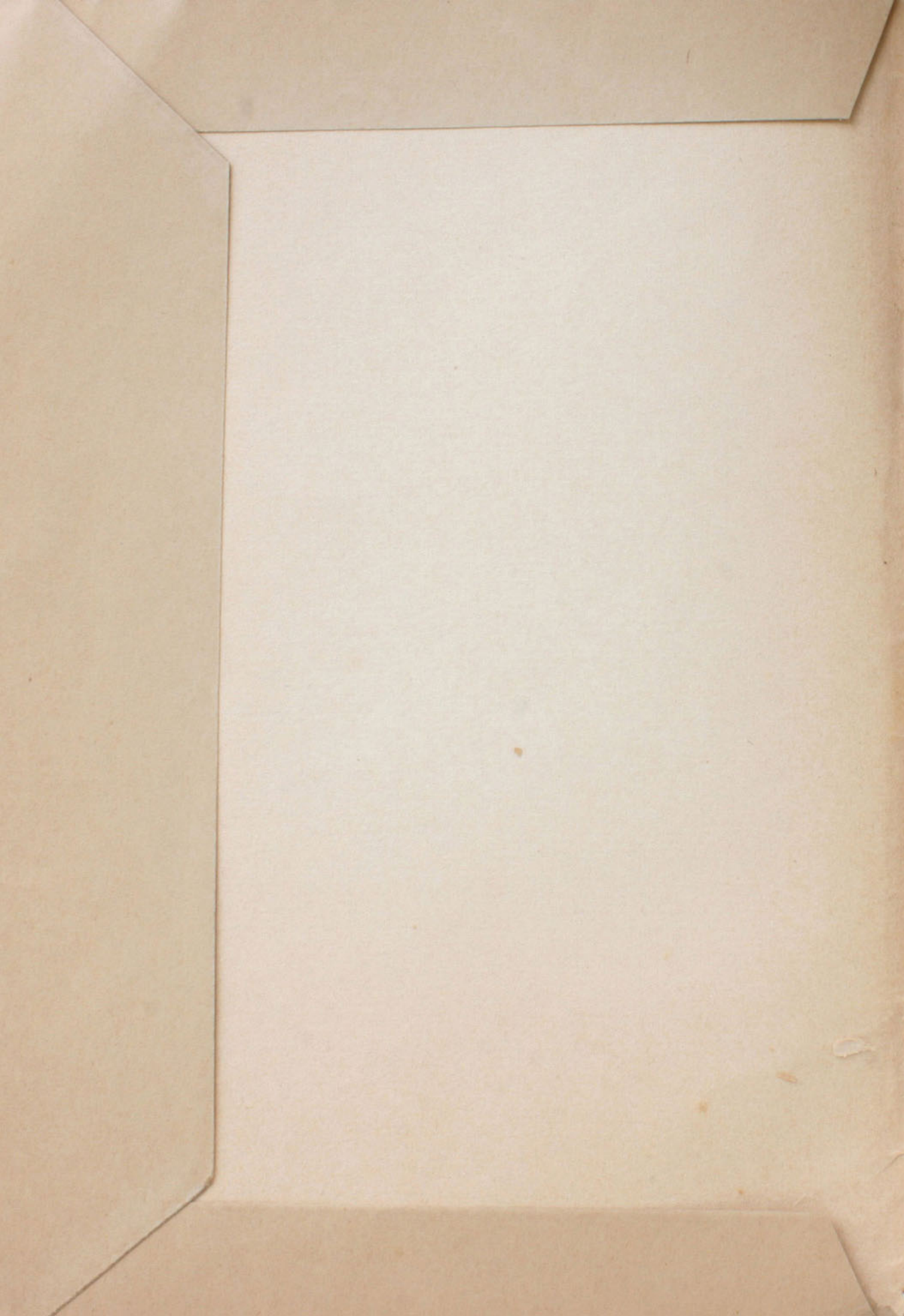
XLIX

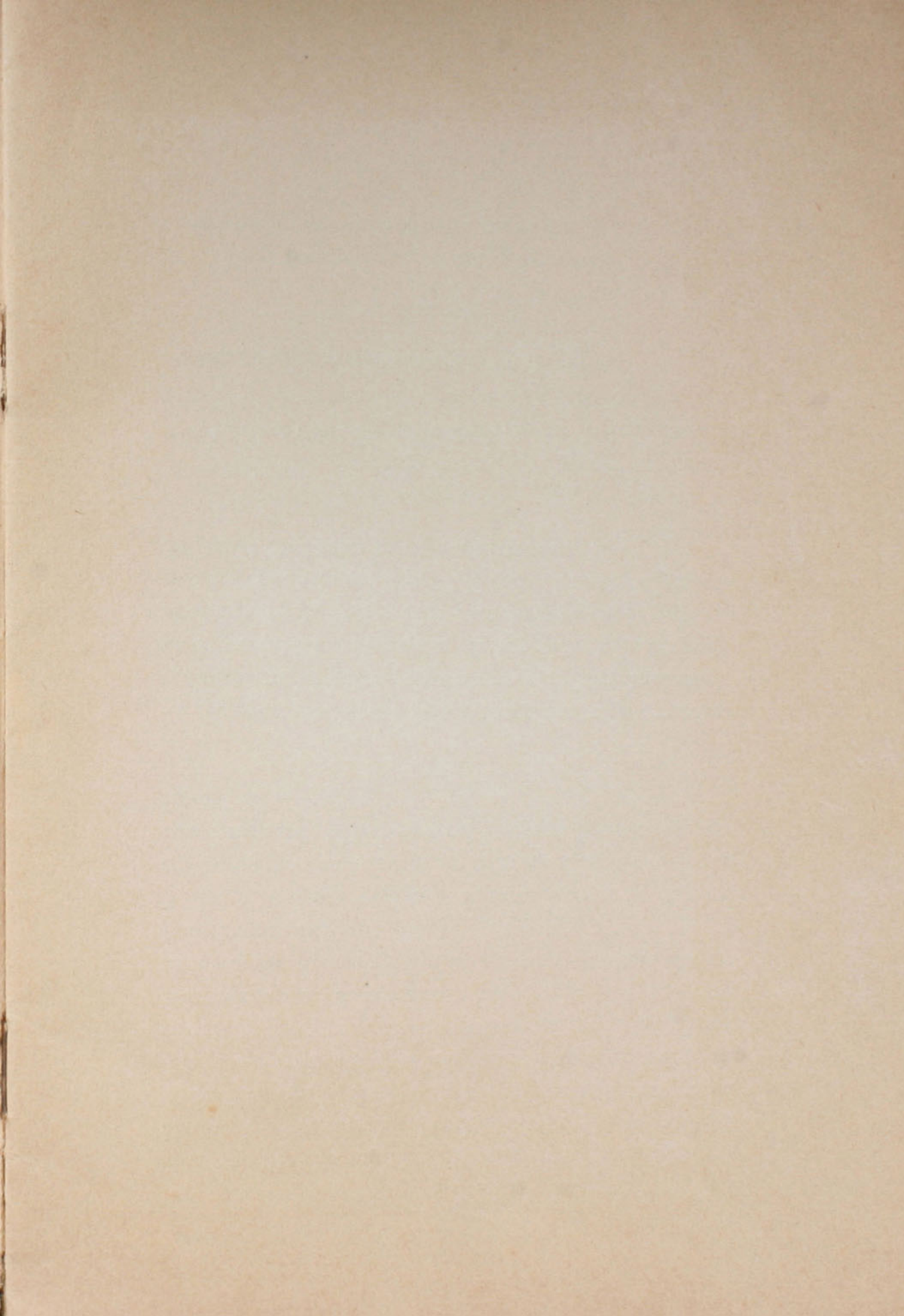
Tempestade louca! Raiva magnifica cuja grandesa enthusiasma as nuvens e revolve o turbilhão dos ventos, Ó invernias! Ó tempestade! A tua cabeça de serpente silva, envenena, fustiga tudo com relampagos de peçõha que a terra absorve! Digere! Vomita! Trovão! Cymbale de Deus! Orchestra raivosa a tempestade!

L

Ó divino Pan! Tu és Wagner!

Meados de Setembro de 1916.





DO MESMO AUCTOR

A PUBLICAR:

A FORJA DE VULCANO. (Episodios, fantasias e contos).

VISITA DE SATAN. (Critica).